


A CRIANÇA NA PERSPECTIVA DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: a contribuição dos estudos de usuários para o desenvolvimento da competência informacional infantil

CHILDREN FROM THE PERSPECTIVE OF BIBLIOTECONOMY AND INFORMATION SCIENCE: the contribution of user studies to the development of children's information competence

 Niliane Cunha de Aguiar¹

 Marcos Aurélio Gomes²

¹ Professora Adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais.


E-mail: nilianeaguiar@yahoo.com.br

² Professor Adjunto do Curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: gomesbib@cci.ufal.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 30/09/2020.

Aceito em: 09/06/2021.

Como citar este artigo:

AGUIAR, Niliane Cunha de; GOMES, Marcos Aurélio. A criança na perspectiva da Biblioteconomia e da Ciência da Informação: a contribuição dos estudos de usuários para o desenvolvimento da competência informacional infantil. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 6, p. 1-22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v6i00.2021.60929.1-22>.

RESUMO

O universo infantil tem sido objeto de estudo por meio de metodologias específicas em vários campos, dentre os quais a Educação, a Psicologia e o *Marketing*. Todavia, nota-se uma carência de estudos na área da Ciência da Informação e, conseqüentemente, na Biblioteconomia. Desta forma, o trabalho ora realizado intenta, por meio de levantamento bibliográfico e estudo bibliométrico, demonstrar a necessidade de reflexão sobre as melhores práticas de realização de estudos com o público infantil em unidades de informação. Os resultados da análise bibliométrica realizada na base de dados BRAPCI destaca a ausência de trabalhos na área de Ciência da Informação sobre a temática, demonstrando a relevância de novas pesquisas que desenvolvam práticas capazes de descobrir as necessidades informacionais das crianças, favorecendo a criação de novos produtos e serviços de informação em bibliotecas infantis e escolares para desenvolver a competência informacional infantil.

Palavras-chave: estudos de usuários; crianças; competência informacional infantil.

ABSTRACT

The children's universe has been the object of study through specific methodologies in several fields, including Education, Psychology and Marketing. However, there is a lack of studies in the area of Information Science and, consequently, in Librarianship. In this way, the work now attempted, by means of bibliographic survey and bibliometric study, to demonstrate the need for reflection on the best practices for conducting studies with children in information

units. The results of the bibliometric analysis carried out in the BRAPCI database highlights the absence of work in the area of Information Science on the subject, demonstrating the relevance of new research that develop practices capable of discovering the informational needs of children, favoring the creation of new products and information services in children's and school libraries to develop children's information competence.

Keywords: user studies; children; child informational competence.

1 INTRODUÇÃO

Tudo indica que, no processo da evolução humana, a infância muitas vezes foi negligenciada pela ciência, notadamente pelas ciências humanas e sociais. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010). Neste contexto, não foram somente as crianças que foram silenciadas, mas acrescenta-se uma minoria social formada por deficientes, idosos, índios, negros e mulheres que tiveram ao longo da historicidade suas vozes emudecidas, desta forma, com diminuta participação social.

Vale ressaltar, contudo, que existem áreas do conhecimento que há décadas estão construindo um arcabouço teórico-metodológico sobre esta fase da vida – a infância, dentre estas, destaca-se a área da Educação. E que há avanços científicos significativos no entendimento quanto ao universo infantil e seus desdobramentos, de forma a contribuir para melhores tomadas de decisão quanto às políticas públicas para esse público.

Todavia, há de se considerar a impregnação de uma racionalidade da cultura adulta que alija o ser infantil, esquecendo-se até mesmo de que as crianças não apenas serão o futuro da sociedade, mas que já fazem parte dela e, desta forma, desconsidera-se o seu fazer social, ou seja, o que sabem, o que conhecem e o que fazem.

A literatura aponta que a Escola, o Estado e a Família são considerados como instituições legítimas que sistematicamente fazem prevalecer o poder dos adultos sobre as crianças, deixando-as com menor liberdade para suas práticas socioculturais (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010). Neste sentido, há um conceito que merece destaque

e percebe-se que é pouco discutido por parte de vários atores sociais que lidam com as crianças: o adultocentrismo.

O adultocentrismo pode ser entendido como “[...] acúmulo de obstáculo ao conhecimento da realidade de ser criança. [...] se torna sombra nas pesquisas com a pequena infância, sombras que obscurecem as vozes das crianças.” (MARTINS FILHO; BARBOSA, p. 11, 2010, grifo nosso). Considerar tal afirmação leva a questionar: Como a infância é vista pela Biblioteconomia e a Ciência da Informação?

Na Inglaterra, o estudo *Start with child* aborda a necessidade de possibilitar ouvir as crianças no desenvolvimento de novas direções para as bibliotecas, como também para os arquivos e os museus (START..., 2002).

No Brasil existe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que busca proteger de forma ampla a integridade da criança e do adolescente. Em concordância com o Estatuto, este artigo considera como criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos.

O ECA estabelece, em seu artigo 71, que a criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento (BRASIL, 1990). É no âmbito do direito à informação que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, no Brasil, podem encontrar seu espaço de atuação com as crianças. Esse direito possibilita que esse público seja compreendido em sua totalidade e seja formado para tornar-se partícipe da cultura informacional em âmbito nacional, considerando suas necessidades, seu contexto e particularidades para acesso, uso e disseminação da informação, independentemente do suporte e das tecnologias digitais de informação e comunicação.

A compreensão da importância dos documentos citados leva a crer que o público infantil precisa ser estudado em profundidade tanto pela Biblioteconomia, como pela Ciência da Informação.

O campo de investigação dos estudos de usuários trata de práticas realizadas ao longo de décadas nessas áreas. Tais estudos são desenvolvidos pelos variados tipos de unidades de informação, num contexto geral, buscam compreender as necessidades dos sujeitos informacionais para lhes oferecer produtos e serviços capazes de atender suas expectativas e demandas.

Contudo, observa-se um tipo de usuário da informação que ainda é pouco analisado na área de Ciência da Informação: o usuário infantil. A máxima é de que o público infantil ainda não se caracteriza como usuário de unidades de informação, mas

sabe-se que, na atualidade, a criança é exposta cada vez mais cedo a diversos tipos de informação. Neste sentido, é possível concordar com Macedo e Semeghini-Siqueira (2000), quando afirmam que é no ambiente da biblioteca escolar que se constrói a competência, como também a autonomia, tanto para a busca como para o uso da informação.

Assim, se entende que a criança ainda pode ser considerada um usuário quase desconhecido no contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, o que pode influenciar diretamente nas dificuldades encontradas na atuação das bibliotecas infantis e escolares brasileiras, tanto na esfera pública quanto na esfera privada.

Diante de tal contextualização, este trabalho pretende, como objetivo geral, discutir as possíveis contribuições da Biblioteconomia e da Ciência da Informação para o desenvolvimento de estudos de usuários com crianças e as formas de utilização de seus resultados para o desenvolvimento da competência informacional infantil, assim como para elaboração de políticas públicas de informação para o público infantil.

Inicialmente, faz-se necessário compreender que infância é um conceito construído socialmente e que a definição do ser criança, ao longo da história das sociedades, possui algumas variações de acordo com o pensamento de cada época, como será mais bem detalhado adiante.

O percurso metodológico deste trabalho se deu por meio de levantamento bibliográfico que resultou na revisão de literatura sobre a temática proposta e por uma análise bibliométrica desenvolvida na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e, desta forma, apresenta as publicações existentes sobre as práticas de estudos de usuários realizadas com o público infantil.

O presente trabalho encontra sua justificativa na observação do crescimento das discussões acerca da biblioteca escolar na atualidade. Deste modo, acredita-se que os resultados desta pesquisa possam oferecer contribuições para que os gestores destas unidades de informação, assim como os pesquisadores da temática, conheçam melhor seus usuários, reconheçam suas necessidades e sejam capazes de oferecer produtos e serviços adequados à formação de crianças autônomas, protagonistas, reflexivas e críticas no universo informacional, isto é, contribuir para que as bibliotecas escolares sejam cada vez mais capazes de promover e avaliar a competência informacional infantil.

2 ESTUDOS DE USUÁRIOS

A literatura das áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação apontam, por meio das revisões editadas pelo *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), para uma evolução dos estudos teóricos e empíricos dedicados a pesquisar o usuário da informação.

Investigações demonstram que, desde os anos de 1930, já havia o interesse por parte dos pesquisadores em estabelecer a causa que motivava os indivíduos a buscarem os espaços das bibliotecas e o uso que faziam das mesmas. Evidencia-se que os primeiros estudos de usuários se concentravam, principalmente, em grupos de ocupações definidos, ou seja, estudos formados por: cientistas, engenheiros, acadêmicos, entre outros. A literatura também referencia uma dispersão conceitual quanto à definição de estudos de usuários da informação, como também apresenta a complexidade de finalidades ao se realizar tais estudos, além da abrangência sobre a classificação dos tipos de usuários da informação.

Ao longo do tempo, a área de estudos de usuários no âmbito da Ciência da Informação busca atualizar suas concepções e métodos para atingir o seu propósito. E, assim, diversos autores se dedicam ao estudo de perfil dos usuários, às análises de comportamento em informação dos usuários e, mais recentemente, sobre as práticas informacionais vinculadas aos usuários da informação.

Nesse sentido, entende-se que esses sujeitos informacionais, denominados usuários da informação e atualmente chamados também de interagentes informacionais, se dividem em inúmeras categorias e, dentre estas, o público infantil que pode ser analisado nas seguintes unidades de informação: biblioteca infantil, biblioteca escolar e biblioteca pública.

Assim, neste trabalho optou-se por uma definição abrangente, considerando o estudo de usuários como “[...] um campo interdisciplinar do conhecimento que [...] possibilita a análise dos fenômenos sociais e humanos relacionados com os diversos aspectos e características da relação do usuário com a informação em suas ações, comportamentos e práticas informativas” (AMARAL, 2014 *apud* CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015, p. 36).

Desse modo, acredita-se que tal definição esteja alinhada ao propósito deste estudo, pois, ao se pensar em estudar o usuário infantil ou a criança, verifica-se que há interlocução com mais de uma área de conhecimento – Biblioteconomia, Ciência da Informação, Educação, Psicologia, entre outras. Acrescenta-se que a criança é um usuário específico e em determinado contexto sociocultural, no qual se encontra em pleno desenvolvimento físico, emocional, cognitivo, logo, um ator social passível de ser investigado.

Cunha, Amaral e Dantas (2015), baseado nos estudos de Villaseñor Rodriguez (2012), apresentam uma classificação para os usuários da informação utilizando-se como critério a idade. Essa classificação se estabelece em: infantil, juvenil e adulto, e nesta insere-se a terceira idade. Para os usuários infantis determinam uma subdivisão: usuário infantil pré-leitor e usuário infantil leitor. Nota-se que a *leitura* é um fator determinante para a classificação deste tipo de usuário, como também relevante para o estabelecimento de políticas para as unidades de informação para esse público.

Há de se considerar que “Crianças não são miniaturas cujo conhecimento simplesmente ainda não chegou ao mesmo nível dos mais velhos; na verdade, elas veem o mundo de um jeito diferente e interagem com ele de maneira totalmente diversa” (COLLIN, 2012, p. 265). Logo, esse grupo – usuários infantis – também se constitui por necessidades, emoções, desejos e experiências específicas diferentemente dos adultos. Torna-se imperativo

[...] olhar as crianças com uma ‘lente de aumento’, a qual nos aproxima de suas vozes, ações, reações, manifestações e relações. A lente de aumento nos possibilitará ultrapassar o muro que isola a criança do adulto, muro firme que tem bases sólidas, pois foi construído ao longo da história da humanidade (MARTINS FILHO; BARBOSA, p. 11, 2010).

Dessa forma, não podem ser negligenciadas pelas unidades de informação, notadamente infantis, escolares e públicas, mesmo porque o público infantil possui um repertório semântico próprio, tem à sua disposição ou utiliza algum tipo de material informacional, como também já faz uso de artefatos digitais (*tablets, games, smartphones*, entre outros). E, afinal, o que se espera deste público é que em um futuro próximo ele se torne usuário efetivo de diversificadas unidades ou sistemas de informação e que as crianças se tornem também prováveis defensores proativos das bibliotecas.

Assim, acredita-se que a construção de uma cultura informacional deva ser protagonizada desde a infância por meio das bibliotecas infantis, escolares e públicas. Neste sentido, há vários estudos na língua inglesa que abordam o comportamento das crianças para o desenvolvimento de bibliotecas digitais. Mesmo porque, conforme Rothman (2003), as crianças se tornaram potenciais consumidores de informação no atual contexto informacional no qual estamos inseridos, isto é, imersos na Web.

Ressalta-se, portanto, a preocupação de pesquisadores de diversas áreas com estudos que apontam o aumento da necessidade de entender o comportamento das crianças para o aperfeiçoamento do uso de ferramentas digitais para acesso à informação. Entendendo que os sistemas precisam se adequar às características cognitivas da criança, pois, em caso contrário, a criança é que teria de fazer um esforço para se adaptar aos sistemas. E neste aspecto concorda-se com Bilal (2002, p. 205, tradução nossa) quando expõe que as ferramentas digitais para acessar informações exigem das crianças “[...] conhecimento complexo do conteúdo, sintaxe sofisticada de pesquisa, conceitos abstratos e vocabulário adulto, além do que alto nível de habilidades de leitura e que estão além do conhecimento e desenvolvimento cognitivo das crianças.” (BILAL, 2002, p. 205, tradução nossa).

Há outro aspecto, com relação ao processo da busca por informação realizada por crianças utilizando as tecnologias mostrado por Bilal (2005), que alerta para a pouca atenção que tem sido dada ao *paradigma afetivo* das crianças nesse processo. Para a autora, “O afetivo transmite direcionalidade à solução de problemas, que por sua vez influencia nas ações.” (BILAL, 2005, p. 205, tradução nossa). Logo, infere-se que possa promover mudanças de comportamento que refletirão na busca informacional.

Sob essa perspectiva, vale ressaltar os estudos de Kuhlthau (1991), que estabeleceu o modelo *Information Search Process* (ISP), resultado de diversas pesquisas desenvolvidas, e que descreve os aspectos afetivos (sentimentos), cognitivos (pensamentos) e físicos (ações) na perspectiva do processo de busca e uso da informação.

No contexto nacional, Moraes (2011) investigou o usuário na educação infantil e concluiu que há uma exclusão dessa faixa etária da biblioteca pública na cidade de São Paulo. Observa-se que estudos como esse são escassos, mas ao mesmo tempo relevantes, e por este motivo necessitam de um maior aprofundamento, pois demonstram o real papel das políticas públicas para esse público. Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 59)

entendem que “[...] estudos de usuários são a melhor ferramenta a que o profissional pode lançar mão para atuar como agente social no ensino das competências em informação [...]”. Então, com base nos estudos de usuários, será possível planejar e desenvolver produtos e serviços e, desta forma, promover ações e programas de formação de usuários e competência em informação. Todavia, as crianças devem se reconhecer nesses produtos, serviços e ações.

Na Psicologia há aportes teóricos que, em certa medida, podem auxiliar no entendimento do comportamento do indivíduo relacionado à informação, principalmente quando se trata de usuários infantis frente à textualidade eletrônica e outros dispositivos digitais que podem alterar a forma de acesso e comunicação da informação desde a infância. Neste sentido, concorda-se com Martins Filho e Barbosa (2010) que as crianças, ao seu modo, produzem cultura, se socializam e interpretam as coisas que vivem, criam, recriam e experimentam.

No *Marketing* há uma preocupação em fidelizar o público infantil para o consumo. Nesta perspectiva, Moreira *et al.* (2013) expõem que cada vez mais o público infantil encontra-se em evidência, pois, apesar de esse público necessitar de orientação e dos recursos financeiros advindos de seus pais, as crianças são influenciadoras e têm poder decisão na aquisição de determinado produto.

No campo da Ergonomia, verifica-se que há uma preocupação, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento de produtos com interfaces digitais para o público infantil. Idler (2014, *apud* MARTINS *et al.*, 2017) identificou, por meio de sua pesquisa, cinco aspectos do *design* centrado na criança (DCC), diferindo os adultos das crianças, conforme apresentado no Quadro 1 (a seguir). Por meio desse quadro foi realizada uma aproximação entre os aspectos do DCC e dos estudos de usuários, pois acredita-se possuam algumas conexões que possam viabilizar o planejamento de unidades, serviços e produtos de informação centrados no usuário infantil.

Quadro 1 – Aspectos proximais entre o *design* centrado na criação e os estudos de usuários centrados na criança

ASPECTOS	DESIGN CENTRADO NA CRIANÇA	ESTUDOS DE USUÁRIOS CENTRADOS NA CRIANÇA
Desenvolvimento Físico	A coordenação olho-mão e coordenação motora fina das crianças são comprometidas em relação ao adulto, afetando a interação com os equipamentos. Também as métricas infantis, além de diferir das usadas para adultos, diferem entre si durante o crescimento. Todas as medidas (altura, mãos) interferem na utilização de equipamentos digitais, especialmente os mais sensíveis ao toque.	Diagnosticar quanto à existência de espaço físico exclusivo ao público infantil para que possa haver maior interação e adaptabilidade; acervo apropriado a cada faixa etária e o interesse do público infantil pelo mesmo; facilidade de acesso ao material informacional; pessoal qualificado quanto ao atendimento e desenvolvimento de atividades lúdicas e educativas; equipamentos (computadores – usabilidade) adequados ao uso do público infantil.
Desenvolvimento Cognitivo	As habilidades cognitivas estão em desenvolvimento na criança, afetando os métodos de coleta e os resultados de pesquisas. Seu raciocínio torna-se mais abstrato conforme a idade, abrindo-se para novas perspectivas.	Determinar o público infantil para melhor subsidiar atividades e a disponibilização de materiais informacionais adequados a cada fase do processo cognitivo (lúdicos – sons, cores, movimento e textura; joguinhos que associam palavras a objetos; atividades que incentivem a busca por conhecimento; jogos e vídeos na Internet e demais recursos digitais). Atentar para os instrumentos de coleta de dados a serem utilizados. Aprimorar e adequar métodos e instrumentos de coleta de dados para o público infantil, para que se possa aproximar duas gerações: a dos adultos (pesquisador) e a das crianças (pesquisado).
Desenvolvimento Social	Crianças podem ser muito individualistas, mas a maturidade altera sua percepção do outro, a empatia e a personalidade.	Verificar se as ações culturais desenvolvidas (por ex.: exposições, hora do conto, entre outras) promovem a interação

		social; se as atividades lúdicas proporcionam aproximação entre as crianças e como as mesmas se sentem parte do grupo/ações.
Concentração	Crianças podem ser naturalmente estimuladas, mas podem desconcentrar-se com a mesma facilidade. É importante oferecer motivação suficiente para mantê-las interessadas.	Atentar para o desenvolvimento de serviços e produtos que estimulem a criatividade, ações de incentivo à leitura e início de atividades de pesquisa. Quais atividades as crianças se sentem motivadas para executar e como as mesmas se percebem usando tais produtos e serviços.
Experiência	Crianças vivenciaram menos que adultos, e não estão treinadas a aplicar conhecimentos familiares a novas situações. Por isto, é importante oferecer informações suficientes e não se basear em apenas suposições, pois haverá geração de incerteza e desencorajamento para a atividade proposta.	Investigar se as bibliotecas são efetivamente espaço de aprendizagem em informação, por meio de ações e programas de incentivo à leitura, educação/formação de usuários e competência em informação. Quais as dificuldades que encontram para desenvolver determinada atividade.

Fonte: IDLER (2014) adaptado pelos autores.

O Quadro 1 reforça a necessidade de adaptação dos espaços destinados à informação tradicional, digital ou híbrida, levando em consideração o comportamento informacional do público infantil. Como também a relevância da presença de um mediador para articular, auxiliar e incentivar todas essas ações e, desta forma, proporcionar a inclusão tanto social como digital.

3 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL INFANTIL

Compreendendo a importância dos estudos de usuários para o público infantil, conforme apresentado na sessão anterior, entende-se que, para tornar a biblioteca escolar um verdadeiro ambiente de aprendizagem e de construção do conhecimento, no qual o usuário seja o foco principal, algumas medidas devem ser consideradas comuns a

todas as bibliotecas escolares: conhecer, compreender e estimular seus usuários no desenvolvimento da competência informacional infantil.

Neste estudo não serão aprofundados os processos históricos, conceituais ou evolutivos que envolvem a competência informacional, tema bastante discutido e difundido no Brasil. Contudo, é importante destacar que os resultados dos estudos de usuários, realizados para conhecer as necessidades e os comportamentos informacionais dos sujeitos, devem oferecer aos bibliotecários instrumentos, recursos e possibilidades de desenvolvimento da competência informacional nas possíveis lacunas identificadas pelos estudos.

Sendo assim, é possível fazer uma relação das três fases da competência informacional estabelecidas por Bruce (2000) com a percepção da Ciência da Informação sobre o público infantil. A 1ª Fase (1980) foi caracterizada por pesquisas que se desenvolviam geralmente em torno de noções de habilidades informativas e elaboração de normas direcionadas aos setores educacionais. Uma representante deste período é Carol Kuhlthau (1981), que desenvolveu um processo de aprendizagem modelo, realizado através da busca e do uso da informação, e demonstrou como cada faixa etária pode desenvolver habilidades informacionais específicas.

A 2ª Fase (1990-1995), denominada experimental, caracterizou-se por estudos relacionados à aplicação de modelos experimentais de desenvolvimento de competências, visando compreender a percepção de estudantes e profissionais no que se refere às práticas informacionais. Neste sentido, observa-se que, apesar dos estudos de Kuhlthau, as crianças ainda não foram realmente vistas como sujeitos informacionais.

A 3ª Fase (1995-1999), que, segundo a autora, foi marcada por um processo de identificação de paradigmas, foi denominada fase exploratória, pois se dedicou a descobrir relações entre o termo e os estudos cognitivos, construtivistas, entre outros. Neste período foi possível observar um importante crescimento de estudos na esfera do trabalho. E, mais uma vez, as crianças não foram inseridas nos interesses de pesquisa.

E na 4ª Fase (2000 em diante) a noção de consciência coletiva passou a dominar os estudos a respeito da competência informacional e, por este motivo, tornou-se uma importante fonte de conhecimento tanto para os profissionais da informação, quanto para os educadores. Porém, pouco se observou a competência informacional do público infantil.

Diante do exposto, de acordo com Gasque (2013, p. 5-6), compreende-se que a competência informacional:

Refere-se à capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação. Ao longo do processo de letramento informacional, os aprendizes desenvolvem competências para identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos.

Entende-se, portanto, que as crianças também são aprendizes capazes de desenvolver competências informacionais, condizentes com seu período de desenvolvimento cognitivo. Tal realidade demonstra que é possível dizer que o leitor infantil competente, em síntese, é aquele que apresenta os seguintes comportamentos:

a) Sabe buscar textos de acordo com o seu horizonte de expectativas, segundo seus interesses e necessidades; b) Adquire livros; c) Conhece os locais onde os livros e materiais de leitura se encontram, sejam em bibliotecas, livrarias, entre outros; d) Frequenta espaços mediadores de leitura; e) Orienta-se fácil nas estantes, sendo independente na busca daquilo que lhe interessa; f) Segue as orientações de leitura oferecidas pelo autor; g) É capaz de dialogar com novos textos, posicionando-se crítica e criativamente diante deles; h) Troca impressões e informações com outros leitores; i) É receptivo a novos textos que não confirmem seu horizonte de expectativas; j) Amplia seu horizonte de expectativas e sua visão de mundo a cada leitura (BECKER; GROSCHE, 2008, p. 38).

Para que essas competências sejam desenvolvidas desde a infância, destaca-se a necessidade de estudos relacionados ao comportamento informacional infantil, assim como de suas práticas informacionais, visto que este público possui características cognitivas e psicológicas específicas. E a biblioteca escolar, pode ser vista, portanto, como o *locus* por excelência da promoção da autonomia indispensável para a construção da competência informacional infantil. Nela, a criança e o adolescente devem ser vistos como usuários potenciais de informação, como sujeitos informacionais e não como meros depósitos de conteúdo.

A competência informacional infantil pode ser definida, assim, como a habilidade da criança em lidar (refletir, apropriar, ressignificar) com as informações disponíveis nos mais variados suportes e recursos, apropriadas para a sua faixa etária ou desenvolvimento cognitivo (AGUIAR, 2017).

O trabalho de Kuhlthau (2009), na obra “Como usar a biblioteca na escola”, traduzido por Campello *et al.*, pode ser considerado uma referência de modelo para o desenvolvimento da competência informacional infantil. Para cada etapa do programa

elaborado por Kuhlthau (2009), ela sugere atividades próprias para cada faixa etária, objetivando desenvolver uma determinada habilidade.

Esse programa pode ser adaptado para todas as bibliotecas escolares. Ainda que não sejam as mesmas faixas etárias, as etapas evolutivas da aprendizagem de uso dos recursos informacionais podem ser ajustadas ao nível de conhecimento desejado destes recursos, independentemente da idade dos usuários.

4 METODOLOGIA

Para compreender o olhar que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação possuem sobre as necessidades informacionais de crianças, optou-se pela utilização de dois percursos metodológicos: o levantamento bibliográfico e a bibliometria.

O levantamento bibliográfico configura-se como “o estudo da literatura pertinente e pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 160). Desta forma, fornece aos pesquisadores maior domínio quanto a dados e informações relevantes sobre determinada temática.

A Bibliometria, por sua vez, é considerada como uma técnica que busca medir os índices da produção e da disseminação do conhecimento científico (ARAÚJO, 2006). Pode ainda ser definida como uma forma de mensurar os modelos de comunicação escrita e os perfis dos autores dessas comunicações. (POTTER, 1981). Essa técnica vem sendo usada, principalmente, para identificar autores mais produtivos, para encontrar paradigmas numa determinada ciência e para identificar a produtividade dos periódicos científicos (IKPAAHINDLI, 1985).

Neste estudo, optou-se pela utilização da base de dados BRAPCI como espaço amostral, pela confiabilidade que esta base possui dentro da área de Ciência da Informação, uma vez que foi desenvolvida pela Universidade Federal do Paraná, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Conforme Gabriel Junior (2014, p. 14),

A base em questão foi desenvolvida em colaboração com o grupo de pesquisa E3PI, da UFPR, coordenado pela Profa. Dra. Leilah Santiago Bufrem, e também foi objeto de estudo da dissertação deste autor, abordando a socialização da informação. A Brapci estabeleceu uma metodologia que engloba o monitoramento, coleta, processamento, revisão e disponibilização de artigos dos periódicos, com a preocupação da preservação histórica da CI e como instrumento de estudos diacrônicos.

Sua cobertura temporal abrange periódicos publicados desde 1972 até a atualidade, disponibilizando atualmente referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área da Ciência da Informação¹. Salienta-se que, dos periódicos disponíveis, 40 estão ativos e 17 são fontes históricas (periódicos descontinuados).

Para a realização do método bibliométrico na referida base, foram escolhidos os seguintes termos de busca para a recuperação na base de dados: 1) estudos de usuários com crianças; 2) estudos de usuários com o público infantil; 3) estudos de usuários em biblioteca escolar (no singular); 4) estudos de usuários em biblioteca infantil (no singular).

A pesquisa foi realizada na ordem em que os termos foram apresentados, utilizando dois tipos de buscas: com aspas e sem aspas. A BRAPCI oferece as seguintes formas de recuperação da informação: a) Título, palavra-chave e resumo; b) Autores; c) Título; d) Palavras-chave; e) Resumo; f) Texto completo.

Para alcançar os objetivos deste estudo, optou-se pela busca no formato do item (a): Título, palavra-chave e resumo.

5 RESULTADOS E ANÁLISES DA PESQUISA

Para facilitar a compreensão dos resultados obtidos na pesquisa, cada termo será apresentado nas duas versões: com aspas e sem aspas.

5.1 Estudos de usuários com crianças

Na pesquisa deste termo de busca com o uso das aspas, não foi encontrado nenhum artigo sobre o assunto. Ao retirar as aspas do termo, dois artigos foram recuperados.

¹ Conforme consta na página: <http://www.brapci.inf.br/index.php>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Quadro 2 – Artigos recuperados sobre estudos de usuários com crianças.

1	DUARTE, E. J.; MATA, C. T.; CALDIN, C. F. A competência informacional para a seleção e disseminação do acervo literário infantil da biblioteca pública municipal barreiros filho: olhar estético. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , v. 19, n. 41, p. 59-82, 2014. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n41p59 Acesso em: 25 abr. 2020.
2	MORAES, L. A criança, o livro e a biblioteca: o estudo de usuário na educação infantil. CRB8 Digital , v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: < http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9666 >. Acesso em: 25 abr. 2020.

Fonte: Dados da pesquisa (BRAPCI, 2020).

O primeiro artigo apresentado no Quadro 2 não apresenta um relato de experiência ou modelo de estudo de usuários com crianças. O objetivo do artigo, segundo os autores, é verificar as habilidades, os comportamentos e as atitudes (competências) dos funcionários da Biblioteca Pública Municipal Barreiros Filho no processo de seleção e disseminação do acervo literário infantil como forma de promoção e incentivo à leitura. O foco, portanto, está no bibliotecário e não na criança.

O segundo artigo recuperado realmente mostra um relato de experiência da realização de um estudo de usuário com crianças, por meio da técnica de observação participativa não sistemática, durante uma feira de livros, complementada com um questionário entre os pais e educadores. Contudo, o artigo não descreve os critérios de observação utilizados e, deste modo, os resultados ficam indefinidos em relação à observação e no que se refere à resposta dos questionários. Apesar dessa indefinição, o artigo possui sua importância, pois é o primeiro trabalho que trata diretamente o tema na base BRAPCI.

5.2 Estudos de usuários com o público infantil

Como no primeiro caso, ao utilizar as aspas, nenhuma resposta foi obtida pela base de dados. E, ao retirar as aspas, novamente duas referências foram recuperadas:

Quadro 3 – Artigos recuperados sobre estudos de usuários com o público infantil.

1	DUARTE, Evandro Jair; MATA, Claudete Terezinha da; CALDIN, Clarice Fortkamp. A Competência Informacional para a seleção e disseminação do acervo literário infantil da Biblioteca Pública Municipal Barreiros Filho: olhar estético. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , n. 41, v. 19, p. 59-82, 2014. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/31410 . Acesso em: 25 abr. 2020.
2	PINTO, Adilson Luiz; MATIAS, Márcio. Editorial. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , n. 41, v. 19, 2014. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/35235 . Acesso em: 25 abr. 2020.

Fonte: Dados da pesquisa (BRAPCI, 2020).

No Quadro 3, reaparece o artigo de Duarte, Mata e Caldin (2014), que, conforme acima relatado, não foca no estudo de usuários com crianças. O segundo artigo recuperado se trata apenas do editorial do mesmo periódico que faz uma apresentação do primeiro artigo.

5.3 Estudos de usuários em biblioteca escolar

Ao utilizar o termo com aspas, nenhuma resposta foi obtida pelo sistema. Porém, ao retirar as aspas, 17 artigos foram recuperados, porém dois se repetem na resposta da pesquisa, gerando um total de 15 artigos recuperados.

Quadro 4 – Artigos recuperados sobre estudos de usuários em biblioteca escolar.

1	ANDRADE, Daniela Mello; SILVA, Lucas Correa da Cunha; MOTTA, Mariana Langkammer Bohler; CARVALHO, Matheus Aguiar de; D'AGOSTINI, Yuri Cordeiro. Competência informacional de estudantes do ensino médio de rede de ensino de Belo Horizonte – Minas Gerais. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação , n. 2, v. 5, 2015. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/68695 . Acesso em: 25 abr. 2020.
2	ANDRIOTTI, Aline Fernanda; COSTA, Berenice Oliveira; SILVA, Maria de Paula. MARKETING NA BIBLIOTECA ESCOLAR NO ESTADO DE MATO GROSSO. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação , n. 2, v. 4 No. 2, 2014. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/136856 . Acesso em: 25 abr. 2020.
3	BEZERRA, Midnai Gomes; SERAFIM, Lucas Almeida. Competências em informação em biblioteca multinível de região interiorana do Estado da Paraíba, PB, Brasil. Informação@Profissões , n. 2, v. 8, p. 1-19, 2019. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/125554 . Acesso em: 25-abr.-2020.
4	CAMPELLO, Bernadete dos Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. Ciência da Informação , n. 3, v. 32, 2003. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/17773 . Acesso em: 25-abr.-2020.
5	CAMPELLO, Bernadete dos Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; ARAÚJO, Carlos Alberto Àvila de; CARVALHO, Maria da Conceição; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; SOARES, Laura Valladares de Oliveira. Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , n. 37, v. 18, p. 123-156, 2013. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/37526 . Acesso em: 25-abr.-2020.
6	FURTADO, Cassia Cordeiro; CORDEIRO, Larissa Silva. Estudo de usuários da informação: uma análise do sistema de classificação por cores na biblioteca escolar. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 13, p. 860-871, 2017. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/3585 . Acesso em: 25-abr.-2020.
7	MARTINS, Luziane Graciano. Bibliotecário como mediador de aprendizagem: uma proposta a partir do uso das TICs. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação , n. 2, v. 31, p. 74-98, 2017. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/23737 . Acesso em: 25-abr.-2020.
8	MORAES, Lilian. A Criança, o Livro e a Biblioteca: o Estudo de Usuário na Educação Infantil. CRB8 Digital , n. 1, v. 4, 2011. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/9666 . Acesso em: 25-abr.-2020.
9	NOVELLETTI, Douglas Guioroni Guaitorini; VIANNA, William Barbosa; DUTRA, Moisés Lima. Gestão da Informação por meio físico e digital em Biblioteca Escolar: identificação de interesses dos usuários e tomada de decisão. Biblioteca Escolar em Revista , n. 2, v. 4 n. 2, p. 53-74, 2016. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16995 . Acesso em:

	25-abr.-2020.
10	OLIVEIRA, Jéssica Pereira de; SILVA, Alexandre Valdevino da; SILVA, Amanda de Oliveira; SANTOS, Paula Wivianne Quirino dos; BATTISTELLA, Edilene Vieira; SALCEDO, Diego Andres; PAJEÚ, Hélio Márcio. Biblioteca escolar: estudo sobre a biblioteca do Colégio de Aplicação da UFPE. Biblionline , n. 4, v. 12, p. 103-116, 2016. Disponível em: < https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16498 >. Acesso em: 25-abr.-2020.
11	OLIVEIRA, Karine Vargas; FIRME, Simone Machado. Avaliação dos serviços oferecidos pela biblioteca do IFRS, através da opinião dos alunos. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação , n. 2, v. 27, p. 79-96, 2013. Disponível em: < https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/23907 >. Acesso em: 25-abr.-2020.
12	PAULO, Rodrigo Barbosa de; CASARIN, Helen Castro Silva; MANHIQUE, Ilídio Lobato Ernesto. COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação , n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: < https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/102702 >. Acesso em: 25-abr.-2020.
13	PEREIRA, Ismael Soares. A biblioteca escolar sob o olhar da comunidade. Bibliocanto , n. 1, v. 2 n. 1, p. 35-56, 2016. Disponível em: < https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/120254 >. Acesso em: 25-abr.-2020.
14	PINHEIRO, Mariza Ines da Silva. Biblioteca escolar na visão das crianças do ensino fundamental. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , n. 1, v. 22, p. 31-37, 2017. Disponível em: < https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/72629 >. Acesso em: 25-abr.-2020.
15	VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; LANZI, Lucirene Andréa Catini; FERNEDA, Edberto. A mediação da informação aliada ao uso das tecnologias da informação e comunicação em uma biblioteca escolar. Informação & Informação , n. 2, v. 19, p. 117-137, 2014. Disponível em: < https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/33675 >. Acesso em: 25-abr.-2020.

Fonte: Dados da pesquisa (BRAPCI, 2020).

O Quadro 4 explicita que, dos 15 artigos recuperados, o único que se repete nas pesquisas anteriores é o trabalho de Moraes (2011), já analisado. O primeiro artigo constante do quadro, de autoria de Andrade *et al.* (2015), relata um estudo de comunidade, formado pelos alunos do ensino médio de escolas de Belo Horizonte, excluindo, assim, o público infantil. Porém, é relevante enfatizar que a pesquisa demonstra métodos consistentes de realizar estudos de usuários com estudantes por meio de questionários e entrevistas.

O segundo artigo recuperado não apresenta um estudo de usuários, apenas uma entrevista com o responsável pela biblioteca escolar. Já o trabalho de Bezerra e Serafim (2019), que objetiva realizar um estudo de comportamento e competência informacional, também não abrange o público infantil, mas somente alunos do ensino médio e universitários.

O artigo de Campello (2003) não menciona estudos de usuários em biblioteca escolar, nem estudos de usuários com o público infantil. Apenas descreve a possibilidade de promover a competência desde a infância.

Em seguida, temos o trabalho de Campello *et al.* (2013) que trata da apresentação do estado da arte sobre as publicações sobre a biblioteca escolar no Brasil, a partir da base de dados gerenciada pela biblioteca Etelvina Lima, da Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), denominada Literatura em Biblioteca Escolar (LIBES). De acordo com os autores, foram identificados 13 materiais sobre estudo de uso e usuários em biblioteca escolar, sendo “oito trabalhos apresentados em eventos, dois artigos de periódicos e três dissertações de mestrado, cobrindo um período de 29 anos (1982 a 2010)” (CAMPELLO *et al.*, p.133). Contudo, o artigo não deixa claro se tais estudos foram realizados com crianças.

O artigo de Furtado e Cordeiro (2017) é o primeiro trabalho desse quadro que realmente menciona o estudo de usuários com crianças (alunos do 3º ano do ensino fundamental). Para melhor compreender as necessidades destes usuários, a metodologia utilizada foi a entrevista. E os resultados demonstraram que as crianças foram capazes de apresentar diversas questões que ainda não teriam sido observadas pela biblioteca. Percebe-se, pela atualidade do artigo, que a conscientização sobre a importância de dar voz às crianças é, portanto, recente.

O trabalho de Martins (2017) não trata sobre estudo de usuários com crianças, mas sim de mediação da aprendizagem e recursos tecnológicos. O artigo de Novelletto; Vianna e Dutra (2016), por sua vez, objetiva identificar o comportamento de usuários do ensino médio, assim como o artigo de Oliveira *et al.* (2016), que também relata um estudo de usuários da biblioteca do Colégio de Aplicação, que inclui somente adolescentes (6º ano do fundamental) e ensino médio.

Oliveira e Firme (2016), da mesma forma, analisam os usuários da biblioteca escolar, ressaltando a satisfação dos alunos do ensino médio, não incluindo, assim, o público infantil.

O artigo de Paulo, Casarin e Manhique (2018), por outro lado, trata de um questionário com os professores e não com os alunos/usuários das bibliotecas escolares. O trabalho de Pereira (2016) relata um estudo de usuários, porém, com adolescentes do ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

Pinheiro (2017) aparece, então, como o segundo artigo da lista recuperada que realmente relata um estudo de usuário com crianças do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, utilizando como método de pesquisa o questionário.

Por fim, o artigo de Vidotti, Lanzi e Ferneda (2014) não relata um estudo de usuários em biblioteca escolar, mas trata-se de um estudo qualitativo de cunho bibliográfico. Deste modo, dos 15 artigos recuperados, somente dois descrevem estudos de usuários com crianças.

5.4 Estudos de usuários em biblioteca infantil

Utilizando as aspas para a realização da busca, nenhum artigo foi recuperado. Já, com a retirada do recurso, três artigos foram apresentados.

Quadro 5 – Artigos recuperados sobre estudos de usuários em biblioteca infantil.

1	DUARTE, Evandro Jair; MATA, Claudete Terezinha da; CALDIN, Clarice Fortkamp. A Competência Informacional para a seleção e disseminação do acervo literário infantil da Biblioteca Pública Municipal Barreiros Filho: olhar estético. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , n. 41, v. 19, p. 59-82, 2014. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/31410 . Acesso em: 25 abr. 2020.
2	MORAES, Lilian. A Criança, o Livro e a Biblioteca: o Estudo de Usuário na Educação Infantil. CRB8 Digital , n. 1, v. 4, 2011. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/9666 . Acesso em: 25-abr.-2020.
3	PINTO, Adilson Luiz; MATIAS, Márcio. Editorial. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , n. 41, v. 19, 2014. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/35235 . Acesso em: 25 abr. 2020.

Fonte: Dados da pesquisa (BRAPCI, 2020).

Os três artigos recuperados e apresentados no Quadro 5 já apareceram nos quadros anteriores: Duarte, Mata e Caldin (2014), Pinto e Matias (2014) no Quadro 3, e Moraes (2011) aparece nos Quadros 2 e 4. Destes, somente o de Moraes realmente menciona o estudo de usuários com crianças.

Desse modo, com os termos de busca utilizados, a pesquisa bibliométrica proporcionou identificar a existência de somente três artigos na base de dados BRAPCI que descrevem um estudo de usuários com crianças, sendo estes, em ordem cronológica de publicação:

Quadro 6 – Resultado dos artigos que tratam de estudos de usuários com crianças.

1	MORAES, Lilian. A Criança, o Livro e a Biblioteca: o Estudo de Usuário na Educação Infantil. CRB8 Digital , n. 1, v. 4, 2011. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/9666 . Acesso em: 25 abr. 2020.
2	PINHEIRO, Mariza Ines da Silva. Biblioteca escolar na visão das crianças do ensino fundamental. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , n. 1, v. 22, p. 31-37, abr. 2017. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/72629 . Acesso em: 25 abr. 2020.
3	FURTADO, Cassia Cordeiro; CORDEIRO, Larissa Silva. Estudo de usuários da informação: uma análise do sistema de classificação por cores na biblioteca escolar. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 13, p. 860-871, dez., 2017. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/3585 . Acesso em: 25 abr. 2020.

Fonte: Dados da pesquisa (BRAPCI, 2020).

Sobre este resultado final apresentado no Quadro 6, é importante destacar que o interesse pela voz e pelo olhar da criança sobre a biblioteca escolar é muito incipiente. Dois artigos foram publicados em São Paulo e um, em Santa Catarina. Todas as autoras são mulheres. E os dois últimos artigos foram publicados em 2017, demonstrando que, nos anos seguintes (uma vez que a BRAPCI já possui artigos de 2020), não existiram autores que se debruçaram sobre o tema nas publicações abrangidas pela base de dados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários segmentos, para se manterem competitivos no mercado, estão atentos ao comportamento de coletivos sociais, para oferecer produtos e serviços que atendam às necessidades e desejos de grupos específicos, dentre os quais encontra-se o segmento infantil.

No âmbito acadêmico, contudo, nota-se, na literatura nacional das áreas que compreendem a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, uma certa carência de pesquisas, tanto em seus aspectos teórico-metodológico, como empírico, no campo dos estudos de usuários ou comportamento em informação voltados para o público infantil.

Dessa forma, essa diminuta produção intelectual (pesquisas, relato de experiências e publicações) pode fragilizar as ações e as decisões assertivas dos profissionais que atuam nos espaços das bibliotecas escolares, uma vez que carecem de um repositório de informações sobre a temática.

Acredita-se que, para que o discurso de valorização da biblioteca escolar saia do campo teórico e seja realmente efetivado, é fundamental que os profissionais bibliotecários utilizem metodologias para conhecer seus usuários, suas necessidades, comportamentos e práticas informacionais.

Somente deste modo, as bibliotecas escolares poderão oferecer produtos e serviços informacionais de qualidade por meio de programas eficazes de letramento informacional de crianças; formarão leitores que serão possivelmente frequentadores assíduos da biblioteca escolar; e, enfim, promoverão a tão necessária competência informacional infantil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, N.C. **Contaçon de histórias e competência informacional infantil**. In: ENCONTRO DE CONTADORES DE HISTÓRIA DE SERGIPE, 7., 2017, Aracaju: Biblioteca Pública Infantil, 2017.
- ANNUAL REVIEW OF INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY** - ARIST. Silver Spring: ASIS&T, [1966-].
- ARAÚJO, C.A.V. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10124>. Acesso em: 08 set. 2020.
- BILAL, D. Children's information seeking and the design of digital interfaces in the affective paradigm. **Library Trends**, v. 54, n. 2, p. 197-208, Fall 2005.
- BILAL, D. Children design their interfaces for web search engines: A participatory approach. **Proceedings of the Canadian Association for Information Science**, p. 204-214, 2002.
- BECKER, C.R.F.; GROSCH, M.S. A formação do leitor através da biblioteca: o letramento e a Ciência da Informação como pressuposto. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 4, n. 1, jan./jul. 2008, p. 35-45. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_11e4ab9985_0008550.pdf. Acesso em 08 set. 2020.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BRUCE, C. Information literacy research: dimensions of the emerging collective consciousness. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 31, n. 2, p. 91-109, Jan. 2000. Disponível em: http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/results/results_common.jhtml;hwwilsonid=W5ZXJKWRS2Q1NQA3DIMSFGOADUNGIIV0. Acesso em: 15 nov. 2019.
- COLLIN, C. *et al.* (org.). **O livro da psicologia**. São Paulo: Globo, 2012. 354 p.
- CUNHA, M. B.; AMARAL, S.A.; DANTAS, E. B. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015. 448p.
- GABRIEL JUNIOR, R.F. **Geração de indicadores de produção e citação científica em revistas de Ciência da Informação: estudo aplicado à base de dados BRAPCI**. 2013. 140 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Marília, SP, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123338?locale-attribute=pt_BR. Acesso em 08 set. 2020.
- GASQUE, K.C.G.D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **Atoz**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/download/41315/25246>. Acesso em 08 set. 2020.
- IDLER, S. **UXKids. 2013/2014**. Disponível em: <http://uxkids.com/blog>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- IKPAAHINDLI, L. An overview of bibliometrics: its measurements, laws and their applications. **Libri**, v. 35, n.2, p. 163-177, jun.,1985.
- KUHLTHAU, C.C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- KUHLTHAU, C.C. Inside the process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991. Disponível em: <http://ptarpp2.uitm.edu.my/silibus/insidesearch2.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- MACEDO, N. D.; SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. **Biblioteca pública/biblioteca escolar de país em desenvolvimento: diálogo entre bibliotecária e professora...** São Paulo: CRB8; FEUSP. 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, D. G. *et al.* Desenvolvimento de interfaces digitais infantis: estudo preliminar sobre design centrado na criança. **HFD**, v. 6, n. 12, p. 46-57, ago./dez. 2017.

MARTINS FILHO, A. J.; BARBOSA, M. C. S. Metodologias de pesquisas com crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n. 2, p. 08-28, jul./dez. 2010.

MORAES, L. A criança, o livro e a biblioteca: o estudo de usuário na educação infantil. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 59-63, abr. 2011. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/9666>. Acesso em: 11 mar. 2020.

MOREIRA, A. G. *et al.* Marketing e sua relação com o público infantil. **Revista Científica Online Tecnologia – Gestão – Humanismo**. Guaratinguetá, v. 2, n. 1, p.67-78, 2013. Disponível em: <http://www.fatecguaratingueta.edu.br/revista/index.php/RCO-TGH/issue/view/2/showToc>. Acesso em: 05 set. 2020.

POTTER, W. G. Introduction. **Library Trends**, v.30, n.1, p. 5-7. Summer, 1981.

ROTHMAN, A. America Online Youth Wired Survey finds kids are online an average of four days a week; nearly 20% go online every day. Disponível em: http://media.aoltime Warner.com/media/newmedia/cb_press_view.cfm?release_num=55253423. Acesso em: 05 abr. 2020.

START WITH THE CHILD: the needs and motivations of young people. A Report Commissioned by Resource The Chartered Institute of Library and Information Professionals. Manchester: Morris Hargreaves McIntyre, 2002.

VILLASEÑOR RODRÍGUEZ, I. Metodología para la enseñanza y el aprendizaje en materia de estudios de usuarios de información. In: RIOS ORTEGA, J.; RAMÍREZ VELÁZQUEZ, C. A. (ed.). **Oportunidades y retos em la formación, investigación y aplicación del conocimiento bibliotecológico**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2012, p. 95-109.